A POÉTICA DA ESCAVAÇÃO: MEMÓRIA, PAISAGEM E AGÊNCIA INDÍGENA NO BRASIL

Gabriel Lemes de Souza[1]

[1]*Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (NPGAU-UFMG), Belo Horizonte, Brasil (glemesdesouza@yahoo.com.br)*

Resumo: A partir de uma canoa monóxila emergida no Rio Grande (MG), este trabalho busca desconstruir o mito colonial do Brasil como natureza intocada. Articulando arqueologia, antropologia e ecologia, analisa a arquitetura Taquara-Itararé, o ritual Kaingang do Kiki e o manejo milenar das araucárias. Conclui-se que a paisagem brasileira é também um monumento vivo e milenar, forjado pela agência contínua dos povos originários, subvertendo a ficção de um território vazio e desprovido de história.

Palavras-chave: Canoa monóxila; Araucária; Ecologia histórica; Povos originários; Arqueologia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se na intersecção entre a arqueologia, a história ambiental e a antropologia, problematizando a relação estrutural entre as populações originárias e a formação da paisagem no Brasil. Durante séculos, o território nacional foi interpretado através de uma lente colonial que o caracterizava como um paraíso intocado e desprovido de história. Contudo, pesquisas arqueológicas recentes e saberes tradicionais demonstram que biomas inteiros, como as florestas de araucária no Planalto Meridional, não são fenômenos exclusivamente naturais, mas sim monumentos vivos que resultam de séculos de manejo contínuo por antigas populações da tradição Taquara-Itararé e por seus descendentes, como os povos Jê do sul e os Kaingang (Gregório de Souza et al., 2016).

O contexto geral deste estudo parte de um achado arqueológico fortuito: a revelação de uma antiga canoa monóxila, datada de aproximadamente 1610 e esculpida em um único tronco de araucária, que emergiu das águas do Rio Grande, em Andrelândia (MG), durante uma estiagem no ano de 2014. A partir do vazio intencionalmente escavado no interior desta embarcação, o trabalho traça paralelos materiais e ontológicos que envolvem: o complexo saber-fazer ameríndio que articula corpo e técnica na transformação do tronco; a escavação cerimonial da araucária para a produção do *konkéi* (cocho sagrado), recipiente fundamental no ritual funerário do Kiki, que conecta os Kaingang aos seus antepassados; a arquitetura de integração ecológica presente nas habitações semissubterrâneas edificadas pelos ancestrais Taquara-Itararé; e a expansão antropogênica dos pinheirais, impulsionada pelo manejo do sub-bosque e pela dispersão de pinhões pelas redes de ocupação indígena ao longo das gerações.

Diante disso, o principal objetivo deste trabalho é utilizar a canoa do Rio Grande como um método de olhar capaz de desconstruir o mito colonial do país como "sertão" ou "paraíso primordial". Busca-se evidenciar que a paisagem brasileira é um espaço profundamente relacional e histórico, comprovando que a técnica, a memória e a agência dos povos originários estão inscritas de forma indissociável nos rios, nas terras e nas florestas do país.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho caracteriza-se como uma investigação teórica e exploratória, de natureza qualitativa e interdisciplinar, desenvolvida a partir de revisão bibliográfica e pesquisa etno-histórica. O material de análise tem como ponto de partida empírico um artefato específico: a canoa monóxila (datada de 1610) que emergiu no Rio Grande, em Andrelândia (MG), no ano de 2014. A partir deste objeto, a base material e documental da pesquisa expande-se para abarcar estruturas arqueológicas da tradição Taquara-Itararé (como habitações semissubterrâneas e montículos funerários), registros etnográficos do ritual do Kiki do povo Kaingang (especialmente a feitura do cocho sagrado, o *konkéi*) e dados de ecologia histórica sobre a formação dos pinheirais no Planalto Meridional (Robinson et al., 2018).

A metodologia adota uma abordagem transdisciplinar, articulando conhecimentos da arqueologia, da ecologia histórica e da antropologia – fundamentando-se, notadamente, nas premissas do

perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 2002). Metodologicamente, a pesquisa utiliza a própria canoa e o conceito de "escavação" (do tronco, da terra e da história) como um método analítico e exploratório. Esse recurso permite reeducar o olhar para ler a paisagem e a floresta de araucárias não como uma natureza intocada, mas como um construto sociomaterial, operando uma revisão crítica do olhar e das fontes históricas coloniais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise desenvolvida na pesquisa demonstra que a canoa monóxila do Rio Grande transcende a sua condição de mero vestígio inerte, revelando-se como um elo material e cosmológico. Ao escavar o tronco da araucária valendo-se da combinação entre fogo e pedra, as antigas populações não apenas fabricavam um objeto técnico, mas estabeleciam uma relação de coexistência, na qual a árvore mantinha a sua agência ao alterar o seu modo de presença no mundo.

Ao tensionar essa premissa com o conhecimento etnográfico e arqueológico, o trabalho alcança os seguintes resultados centrais:

- A continuidade ritual (o Kiki): estabelece-se um paralelo direto entre a embarcação e o ritual Kaingang do Kiki. O mesmo princípio de "escavação" é aplicado à araucária para a criação do *konkéi* (cocho sagrado), palavra que significa literalmente "canoa" (Veiga, 2004). Enquanto a canoa fluvial promove a travessia espacial, o cocho possibilita a travessia temporal e espiritual das almas para o mundo dos mortos (*numbê*).

- O habitar integrado (a arquitetura): a discussão se estende à tradição arqueológica Taquara-Itararé, ancestral dos atuais povos Jê do sul. Observa-se que as estruturas semissubterrâneas operavam sob a mesma lógica ontológica: construía-se com a terra e não contra ela. Essa sofisticada arquitetura bioclimática, aliada aos complexos cerimoniais (danceiros), garantiu a sedentarização e a longa ocupação do Planalto Meridional. Apesar dessa complexidade, sua organicidade a tornava "invisível" aos olhos coloniais, desacostumados a obras não fundamentadas na monumentalidade de pedra.

- A floresta como monumento (a Ecologia Histórica): em diálogo com dados empíricos recentes, o ensaio refuta a visão eurocêntrica do "sertão" intocado. Evidencia-se que a grande expansão dos pinheirais, notadamente entre 1.400 e 900 anos atrás, não derivou apenas de fatores climáticos, mas do manejo indígena ativo: como a dispersão de sementes (pinhão), a abertura de clareiras e o uso controlado do fogo (Robinson et al., 2018).

A discussão culmina na desconstrução de mitos coloniais. Demonstra-se que o Brasil pré-colonial não era um vazio demográfico ou um Éden natural à espera da civilização, mas uma paisagem profundamente manejada. A invisibilidade dessa história deve-se a um choque ontológico e à imposição de um olhar externo que interpretou a integração ecológica dos povos originários como ausência de cultura e de história.

CONCLUSÃO

O trabalho conclui que a canoa monóxila do Rio Grande opera não apenas como um artefato arqueológico isolado, mas como um método epistemológico para reler a história do território brasileiro. Ao reconhecer as profundas tramas relacionais que unem o entalhe da embarcação ao ritual Kaingang do Kiki, à arquitetura semissubterrânea Taquara-Itararé e ao manejo milenar das florestas de araucária, desmistifica-se categoricamente a ficção colonial de que o Brasil era um vazio ou uma natureza intocada.

Conclui-se, portanto, que a própria paisagem e as matas de araucária consistem em memórias vivas e monumentos históricos erguidos pela agência contínua dos povos originários. Por fim, a pesquisa demonstra que reconhecer a historicidade dessas populações exige o abandono das categorias coloniais baseadas na extração e no domínio, adotando-se um novo olhar capaz de enxergar a profunda espessura temporal e as complexas relações de coexistência que continuam inscritas na terra, nos rios e nas florestas do país.

REFERÊNCIAS

GREGORIO DE SOUZA, Jonas et al. Understanding the Chronology and Occupation Dynamics of Oversized Pit Houses in the Southern Brazilian Highlands. PLOS ONE, v. 11, e0158127, 2016.

ROBINSON, Mark et al. Uncoupling human and climate drivers of late Holocene vegetation change in southern Brazil. Scientific Reports, v. 8, 7800, 2018.

VEIGA, Juracilda. Cosmologia Kaingang e suas práticas rituais. In: Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang. (MOTA, Lucio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva; TOMMASINO, Kimiye). Eduel, Londrina, 2004. p. 267-284.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo, Cosac Naify, 2002.